

POLYANTHEA

LETRAS E ARTES — GAZETA HEBDOMADARIA

REDACTORES — ALFREDO POLEDÓ E RUI UNO GAMA

ANNO I

DESTERRO, SANTA CATHARINA, 10 DE MARÇO DE 1899
REDAÇÃO Á RUA DO SENADO—4 (SOBRADO)

N. 2

EXPEDIENTE

Assignatura (Capital) mez..... \$500
Pelo correio, trimestre..... 2\$000

PERANTE O MAR

Oh! mar! como tu és vasto, como és tu immenso! Sempre gostei de contemplar-te; amo o teu monotono quebrar de vagas, o teu manto azulado, que vai perder-se ao longe d'aquellas paragens... Vejo-te, quando a tardinha no horisonte cor de rosa desmaia, calma e silenciosa, triste e chorosa. Então, ah! n'esse momento, tranzida de saudades, de tristezas, com os olhos fictos nos teus encantos, eu adoro-te, abysmada em scismas soltando meus suspiros doloridos, que perdem-se muito ao longe... Não sei que phantasias apoderam-se do meu espirito perante a grandeza do Creador! Por isso, crente em Deus, como poderei deixar de ficar attonita diante de tantas maravilhas?... Mar.. mar... sempre hei de contemplar-te. Oh! sinto n'esta hora apoderarem-se de mim as gratas lembranças do passado para dar lenitivo ás minhas magoas, e mais vivamente exprimir a pequenez perante o Creador.

UBALDINA A. OLIVEIRA

FACTOS E COUSAS...

— Tenho notado que na impromiscuidade dos temperamentos e na divisão das indoles, está uma das obras em que a Natureza revela-se mais sabia e mais providente.

— Si obedecêssemos todos, com uma só energia, ás mesmas disposições da carne e do espirito, a familia, a sociedade e os povos seriam aggregados confusos e desordenados, em vez de encorporamentos regulares, que equilibram-se na complexidade de leis e de preceitos determinados pela vida naturalmente evolutiva e naturalmente reformadora, que é peculiar á humanidade em sua marcha intransviavel e necessaria.

— Comprehende-se que o caracter heterogeneo e inconsistente das oppor-tunidades, o choque dos animos e a subdivisão das idéas, sam poderosos

factores do engrandecimento do individuo pensante.

— Desde que o estímulo determina o esforço e amplia a capacidade para a verdade das concepções e das tendências, na orbita do physico e do mental, a scisão é um elemento essencial á boa ordem e ao progresso da humanidade.

— Si as raças e os povos estivessem em eterna, ou mesmo temporaria e casual harmonia de convicções e de vontades, parece logico que tudo vegetaria n'uma pasmacreira estúpida e asphixiante.

— O livre exame, função mais sublime da racionalidade, valeria, simplesmente, uma phrase de efeito chato e vazio, á maneira das mais chorosas e impossiveis situações dos romances moraes, que ensinam aos namorados sem-vergonhas e debochados amarem-se ao relento, livres de vigilancias.

— E' censurando para corrigir, e applaudindo para estimular, que a critica preenche os seus grandiosos fins, no seio dos povos.

Diante d'estes raciocinios ninguem contesta que as meninas da época, estabelecendo no borboleteamento, na leviandade, o principal caracterisco da sua vida moral, estão nada menos do que em pleno accordo com a affirmativa de Peletan.

O mundo marcha, e o bello-sexo tem de, imperiosamente, acompanhar o passo do mundo.

Em verdade, é um erro grave isso de uma donzella estacionar para suportar, *per omnia secula*, as amollações de um qualquer pobre diabo, bebado de paixão amorosa, soffrendo em ouvir, quer no concheço dos biles, quer nas entrevistas da janella, umas palavras assucaradas que elle aprende com o senhor Montepin, ou com o senhor Eserich, quando está na convalescença das bronchites e dos rheumatismos que traz das pandegas inconvenientes e desenfreadas.

Vamos! moças bonitas, deixai que os moralistas vociferem

A phantasia é tudo e, demais, o tempo é de evolução e o amor é... uma historia.

Desterro.

LYDIO BARBOSA

VISITA PRIMAVERIL

A ANTONIO F. DE SOUZA

Não estamos na estação das flôres; a primavera não nos annunciou a sua graciosa chegada, e quando a fizer, iremos a CHAPEAU BAS, com formas de um bom DANDY, offerecer nossos prestimos, de cavalheiros guapos e prazenteiros a tão apreciavel visita, que vem nos trazer a alegria das flôres, que formando o grande côro estacional, abrião suas petalas setinosas e avelludadas para n'ellas oscularem seus doces amantes, os travessos guanumys, que depois de volatizarem pelo ar balsamico das aurás, vão dormir em seus ninhos, feitos de musgos de pecegueiro nos ramos esverdeados do jasmineiro em flôr.

Estamos longe... e no emtanto parece que já nos vem chegando essa mimosa princeza das fadas e consigo a quadra das flôres, risos e amores. A Natureza bella e louçã, como pecego maduro, escarlatizado, tens uns ares suaves de um bom burguez, que sente-se já visconde por hospedar a rainha de seu paiz, se bem que de seu chapéo de feltro, exalle uma quentura que torna-o miasmatico, como os raios ardentes do Sol, sahindo da grande arcadaria universal, que parece um capacete d' aço, dos tempos do rei Pipino.

As primeiras borboletas já esvoacam por sobre nossas cabeças, abandonando com suas azas douradas as florinhas do jardim, que ao vél-as sacodem as suas petalas os brilhantes guardados pelo rosiclér da manhã e entregam-se as caricias e beijos dos felizes visitantes.

E' uma quadra risonha a das flôres l...

As meninas romanticas depois de pentearem seus cabellos em formas columnaes, vão puchar a terra as arvores de seu canteiro, cuja primeira flôr, como dadiua sagrada, irá morrer sobre o peito de seu namorado, que calça sapatos ponteados e fraques esternidos, á LA DERNIERE MODE.

Os rapazes sentindo sempre dentro d'alma uma explosão de amor,

vão a noite, em serenata, tocar e cantar ao som do violão, ás portas das casas de suas amantes, cantigas doces, apaixonadas, como se fossem notas de colleiros, perdidas na viração sadia das noites de primavera.

Enquanto não apparece a graciosinha rainha, cuja presença ha muito aspiramos, colhemos d'aqui e d'açolá jasmim e violetas, que com rosas e camelias formarão ramillete de mais puro gosto, e offerecemos ás nossas haubis como penhor de immensa valia no grande mercado cambial das nossas suspirosas e oscillantes aspirações.

FERNANDO CALDEIRA

Desterro.

O CASTELLO DOS PHANTASMAS

(CONDESSA DAS II)

A Salles Brazil e F. Margarida

Foi ha muitos annos já.

Com destino a Italia, sahimos de Pariz eu e Adriano—um excellenté pintor e ainda melhor amigo.

Eramos moços, procuravamos o prazer e amavamos o trabalho.

Percorremos todo o norte d'aquelle esplendido paiz, com o enthusiasmo de dois neophitos; visitando os logares mais celebres e os monumentos mais notaveis, parando diante de cada arvore, ajoelhando diante de cada pedra.

Chegamos a Roma, após alguns mezes de viagem e estudámos a cidade eterna em seus menores detalhes.

Depois, sempre alegres, sempre satisfeitos, partimos para os Apeninos, levando comnosco uma larga mèsse de recordações.

Estavamos, havia oito dias, em uma pequena aldéa cercada de montanhas, quando, casualmente, ouvimos fallar de um velho castello que pertencera a Alexandre VI e que servira de theatro a muitas scenas tragicas da familia dos Borgias.

Esse castello achava-se a uma grande distancia da aldéa e era situado em logar inteiramente selvagem.

Suppondo poder ir e voltar no mesmo dia, resolvemos visital-o e partimos.

Declinava o dia quando chegámos ao nosso destino.

O edificio cahia em ruinas.

Fomos recebido por um porteiro cuja physionomia jamais esquecerei.

Esse homem olhava obliquamente para tudo e respondia com meias

palavras, e bruscamente ao que se lhe perguntava.

Mostrou-nos, resmoneando, o que restava do palacio pontifical, e autorisou-nos mesmo a examinar tudo.

A noite cahio.

Não nos era possível voltar á aldéa: estavamos fatigados, os caminhos eram difficéis e podiamos morrer em algum despenhadeiro.

—Fiquemos aqui, disse eu.

—E' esse o meu desejo, respondeu Adriano.

—Mas o porteiro tem-me cara de bandido, e sou capaz de jurar que é chefe de alguma partida de salteadores. Talvez querendo evitar um perihio, caiamos ainda em outro peor.

—Ora ! O porteiro sabe que nada temos, e não se dará ao trabalho de matar-nos. Experimentemos.

Encarreguei-me da negociação, e custou-me enormemente a conseguir uma solução favoravel.

Depois de muitas difficuldades, o guarda das ruinas consentio que ficassemos, mas com uma condição tão extranha, que deveria fazer-nos reflectir: haviamos de entregar-lhe todas as nossas armas.

Para apresentar similhante imposição, declarou que vivia ali sozinho com sua mulher; que tinha escapado duas vezes de ser assassinado por ladrões, e que receiava ser agredido pela terceira vez.

Eu recusei-me immediatamente a aceitar a imposição; mas Adriano, temendo arriscar-se aos contratempos de uma viagem nocturna por logares desconhecidos, pedio-me que a aceitasse.

—E si esse homem matar-nos? perguntei-lhe.

—Si partirmos, corremos o risco de morrer tambem no fundo de algum precipicio. Entre dois males, devemos escolher o menos certo.

Faça-se a tua vontade.

O porteiro, que subira momentos antes, esperava pacientemente—na apparencia ao menos—a nossa resolução.

Quando lh'a communicámos, apresentou novas difficuldades e novos embaraços.

—Ficar ! dizia elle. Que loucura ! Os senhores vão passar uma noite terrivel... Não tenho camas para offerecer-lhes... Esta poltrona, esta meza e esta cadeira são os unicos moveis da casa...

—Contentamo-nos com isso.

—Dormir no meio de ruinas ! Os senhores não calculam o perigo... A floresta está infestada de salteadores...

—E o senhor quer que atravessemos a esta hora !

—Ora ! Fariam isso n'm momento...

—E n'um momento tambem podiamos apanhar uma punhalada no coração ou uma bala nos miolos.

—Chegariam antes á primeira aldéa, e ahi passariam o resto da noite...

—Nada, meu caro porteiro. Estamos perfeitamente aqui.

—Mas, meus senhores, elle vem todas as noites a esta sala !...

—Elle ?... Quem ?...

—Cesar Borgia... Foi aqui que elle commetteu todos os seus crimes e que fez todas as suas orgias... Todas as noites apparece n'esta e nas outras salas, fazendo um rumor de se morrer de medo...

—Devéras ?...

N'esta galeria, accrescentou o velho, abrindo uma porta fronteira ao grande fogão, n'esta galeria recebia elle a sua côrte, e sabe Deus o que se fazia...

—Mais uma razão para ficarmos.

—Mas então não temem os mortos, os senhores, que tanto receiam os ladrões ?...

—Não.

Não temem nem Deus nem o diabo ?

—Não.

O porteiro estremeceu e fez o signal da cruz.

—Então... é diferente, murmurou.

Pareceu-me ter visto o homem persignar-se ás avessas, mas não li-guei attenção ao caso.

HORACIO NUNES

(Continúa)

MARINHA

Vem lha e enorme flôr, desabotoa
A madrugada as petalas; o outeiro
A pouco e pouco avulta do nevoeiro,
Surge, e de côr do rosa se corôa.

A passarada sorprendida vôa
E canta; o azul inunda o céu inteiro;
Vê-se na orla da praia o mar fragueiro,
Que ondas e bre ondas, rapido, amontoa.

De turbilhões de espuma que a emoldura
Uma ilha cresce no horizonte: em cima
Palmas ao vento oscillam e estremeçam;

Bordando os ares com a nitente alvura,
Vôos de uma ave que ora se approxima
Ou fogo, mostram-se e desaparecem...

VICENTE DE CARVALHO

VAI VIVER COM AS FLORES...

AO DR. A. CARDOSO DE MENEZES

Todos os dias, antes de sahir, eu ia fallar ao velho voluntario, meu visinho da direita. Eramos os melho-res amigos d'este mundo—elle não tinha segredos para mim, eu não tinha segredos para elle.

Conhecia a historia de todas as suas cicatrizes e sabia de cór o dia das batalhas em que tomára parte, no Sul, e, para dar uma prova de que não esquecia o que elle me contava, nos dias de anniversario eu comprava um mimo qualquer e enviava-lh'o pelo creado, com um cartão meu, cheio de felicitações. A noite, era certo o convite para a ceveja, fomos para a sala de jantar: elle, a filha Magdalena, uma velha escrava e eu. Reunidos em torno da meza, tocavamos os copos e bebiamos á data memoravel—elle, então, contava-me toda a batalha minuciosamente, sem omitir um rufo de tambores, sem esquecer a nuvem de pólvora e o ribombo das peças.

A filha ouvia religiosamente, estremeando quando o pae, levado pelo entusiasmo, brandia o cachimbo de cereja e batia na meza com o punho. Eu fazia-me admirado e pelas dez horas, quando a velha escrava annunciava o chá, propunha um brinde final e, de pé, os tres, esvaziavamos o copo ao «triumpho dos armas brasileiras»!

Eu, pelo habito, não podia passar uma noite sem a palestra fanfarro-nica do voluntario, mas... não sei, francamente, se o que me levava áquelle canto pacifico era a boa palavra do soldado ou a formosa cabeceira loira da filha. O caso é que eu não perdia uma noite.

Magdalena tinha desoito annos—e não sei o que eu mais admirava n'ella, se a formosura do rosto, se a pureza da alma.

Boa e encantadora menina!

Muito branca, loura como a pintura da Margarida, feita pelo poeta, alta e esbelta, muito modesta e carinhosa.

Quando falava, eu tinha a impressão nitida de um harpejo; quando sorria, eu sorria; quando nos approximavamos... ella ficava como uma rosa... eu... não sei—alguma coisa me subia ao rosto e o coração excitava-se. Mas, viviamos como irmãos. Ella chamava-me familiarmente Carlinhos e eu simplesmente Lena.

Uma noite, estavamos os dois á janella, muito unidos, comparando as estrellas a diamantes, quando não sei porque desvio da conversa,

entrámos no assumpto do coração—o amor.

Ella confessou-me que nõ collegio lera PAULO E VIRGINIA; fez uma critica minuciosa do livro de Bernardin—só ingenuidade. Eu fallei-lhe de outras historias iguaes, contei singelamente episodios romanticos e... quando dei por mim, tinha dentro das minhas a mão de Magdalena... Olhei-a a furto... ella tinha os olhos no céu, e, não sei porque razão, cheios de lagrimas.

Fallámo-nos sinceramente, e, quando nos despedimos, ella disse-me: Carlos! e eu respondi cordialmente: noiva!

Foi no dia de Paschoa. Estavamos á meza do almoço. O velho fallava de uma escaramuça; eu procurava termos para formalisar o meu pedido. Ao café, quando a escrava abriu o cognac que eu levára de presente ao voluntario, reuni toda a minha coragem e fallei. Não me lembro bem do que disse, o certo é que bebemos á nossa felicidade e eu tive um abraço apertado do valente... e, ainda o mais curioso, fui obrigado a mudar o collarinho, á noite, quando sahimos a passeio, porque os olhos do velho inutilisaram-no completamente.

Oito dias depois recebi uma carta de meu pae chamando-me á provincia. Minha mãe estava mal e exigia a minha presença.

O velho acompanhou-me a bordo, despedio-se com lagrimas e, na hora da partida, deu-me dois beijos... um por elle e outro... Um official passou por nós e disse que o paquete ia levantar ferro.

O meu bom visinho accendeu o charuto, mostrou-me o horisonte... ia talvez falar de uma batalha, mas o soluço embargou-lhe a voz. Partio. Fiquei só debruçado á amura, accenando para o seu adeus branco, jogado com o lenço, que elle, de vez em quando, levava aos olhos.

Dias depois de minha chegada á provincia, recebi uma carta assignada—CAPITÃO SATURNINO.

Era do velho. Más noticias:

Magdalena estava soffrendo do peito. Respondi—uma carta ao voluntario e outra a Magdalena.

Minha mãe, apesar de completamente boa, não me queria deixar partir. Desculpava-me com os estudos—nada.

Fiquei.

Pouco tempo depois outra carta. Magdalena estava com hemoptisis—e apesar da distancia, enviava-me o seu coração. Pobre coração!

Contei o caso a minha mãe, mostrei-lhe as cartas. Oppoz-se ao meu casamento, foi inflexivel e até, po-

bre Magdalena! disse mal de ti, mimosa! Tu eras pobre... e a mim, filho unico, destinavam uma herdeira de sitio, senhora de não sei quantos escravos. Que fazer? Escrevi cartas sobre cartas... recomendando o pleno ar tonificante dos campos, a companhia das flôres, a liberdade salutar do arvoredo—a roça.

Não tive resposta.

Esperei um mez, dois mezes... nada.

Em Janeiro do anno seguinte embarquei para a Côte.

Mal cheguei, corri á casa dos meus amigos, mais—a casa da minha noiva, porque eu estava disposto a cumprir a promessa que fizera, tivesse embora de quebrar com a minha familia.

Subi ligeiro as escadas. O creado reconheceu-me, fez-me festas, achou-me gordo. Perguntei pelo capitão. Indicou-me o n. 10—o meu antigo aposento...

Bati. Veio a escrava receber-me. O velho estava de cama. Entrei na alcova—um lampeão mal conseguia allumiar um canto; o leito estava mergulhado em sombras.

Voltei-me para perguntar por Magdalena—a escrava tinha desaparecido.

Approximei-me da cama; o voluntario resomnava; não quiz accordal-o. Sentei-me perto, com os olhos na porta, á espera de Magdalena. Estive mais de duas horas assim, até que o pai despertou.

Tomei-lhe as mãos, beijei-as repetidas vezes e perguntei pela filha...

— Ai! a pequena?... Esteve morando aqui muito tempo... muito tempo... por sua causa...

— Mas onde está?

— Oh! — fez elle erguendo-se no leito... que pergunta! — e escarrrou um riso cruel... Que pergunta!... O senhor não escreveu ordenando que ella fosse viver com as flôres?... Não escreveu? Pois ella foi, meu caro... Ella foi... E vagarosamente:

— Jardim das Saudades, canteiro n. 3217... sabe onde é?

Eu olhava espantado.

— Cajú! — roquejou o voluntario, e cahio no travesseiro pesadamente, hirto como um defunto.

COELHO NETTO.

A SOCIEDADE E A IMPRENSA

(Conclusão)

O progresso intellectual, ineluctavelmente de uma importancia mais elevada, pois que d'elle eduz-se com toda a naturalidade os demais, é ter-

minutamente o producto de estudos assíduos e encorajosamente encetados por aquellos que sabem vibrar em seus peitos um sentimento nobre e elevado — o de romper o desolador tberistiro de ignorancia, que infelizmente ainda empana o brilho de tantos o tão aproveitaveis intellectualidades!

Não devemos conceituar que a verdadeira sabedoria, aquella que engrandeceu á apothéose de perpetuidade os grandes pensadores dos seculos remotos, como Sócrates, o príncipe dos philosophos, Platão, cognominado o Divino pela lucidez e fecundidade de seu engenho, o insigne discipulo deste, Aristoteles, inventor do subtil principio, contrario ás idéas innatas: *Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*; não obstante seu fulgorantes genios, essa sabedoria fosse meramente adquirida por ligeiras leituras, como exclusivo delente do espirito, sem prolongada meditação sobre as idéas emitidas por outrem e maxime sem uma constante instigação do genio a fim de produzir um mundo original de idealisações.

Precisamos ler muito, estudar muito tanto mas com proveito, é verdade, porém, não é menos verdade que jámais deveremos considerar o cerebro como um deposito improficuo de conhecimentos, destinado sómente a acolher o alheio de qualquer fórma que se nos apresenta á intuição.

E' preciso que d'esse vasto cabedal que, com aproveitavel esforço conseguimos recolher á nossa disponibilidade, se faça emanar alguma cousa de novo, de extraordinario e que transloze o conho da originalidade.

Chegamos, portanto, ao magestoso papel que, perante o mundo scientifico, artistico e religioso, representa a imprensa. «Essa língua, como acertadamente disse o profundo Balmes nas suas *Miscellaneas*, que se distingue da lingua commum em fallar mais alto, em se fazer ouvir d'um grande numero de ouvintes, em re-tumbar no mundo com mais força e rapidez, em se perpetuar finalmente d'um modo mais fixo e indelével.»

O journalismo é o iman que atrahê os corações, é o centralizador das idéas, que irradia com luz fecunda uma amplidão de fortificadores conhecimentos.

Conseqüentemente, logo que des-pontar os primeiros raios da razão, não se trepide ante as dificuldades,

apreite-se, fortalecendo os com conhecimentos úteis e racionais, para, então, irmos gradual e solitamente assemoando as sinuosidades da maravilhosa arvore da sapiencia, pare-garmos gloriolosamente do desabrochamento das suas flores e dos seus impercíveis fructos.

Para superarmos esta tão nobre e sobrevivente conquista, o espediente de maior efficacia é inevitavelmente o mais propicio é abalançar-se, com o arder proprio unicamente de um espirito grandioso, ás luctas jornalisticas.

JOAQUIM DE OLIVEIRA COSTA

FACTOS

De nobis

Transcrevemos reconhecidos as palavras com que nos honraram nossos benévolo collegas desta capital, em noticiando nosso apparecimento.

Da *Tribuna Populâr* passamos para nossas columnas as palavras com que nos mimosearam:

«*POLYANTHEA*. — Assim se intitula um pequeno, mas interessante jornal litterario, que sahio á luz da publicidade ante-hontem, nesta capital.

«São seus redactores e proprietarios os esperançosos jovens Nuno da Gama e Alfredo Toledo.

«Desejámos ao novo collega a mais longa duração e felicidade.»

Do *Jornal do Commercio*, em cuja frente se acham os Srs. Martinho Gal-lado e Eduardo Horn, que nos admittem em o numero de seus amigos, e de quem admiramos o talento com que dirigem a empreza jornalista de maior circulação desta futura provincia fazemos a transcrição da noticia que dêram de nosso apparecimento:

«*POLYANTHEA*. — Recebemos ante hontem o primeiro numero da *Polyanthea*, hebdomadario que acaba de apparecer nesta capital, sob a redacção dos Srs. Alfredo Toledo e Nuno Gama e collaboração de diversos escriptores, todos entre nós já conhecidos pelas suas producções.

«Desejamos a *Polyanthea* vida prolongada.»

Na *Regeneração*, organo do partido liberal, do qual são redactores os vultos mais proeminentes d'essa facção politica, lemos o seguinte, que agradecemos:

«*POLYANTHEA*. — Com este titulo foi distribuido, no domingo, um jornal litterario, impresso nas officinas do *Jornal do Commercio*.

«São seus redactores os Srs. Nuno da Gama d'Eça e Alfredo Toledo, contando numero regular de distinctos colaboradores.

«Ao novo collega desejamos muitos annos de existencia.»

No prélo

Sabemos que o illustre lexicographo, o presbytero F. R. dos Sanctos Saraiva tem no prélo, em Petropolis, um folheto religioso, intitulado *BURLA CATHOLICA*, se não nos falha a memoria, e em cuja publicação o auctor tem em vista ampliar a parte religiosa da traducção das *MENTIRAS CONVENCIONAES* de Max Nordau, parte essa que fôra, de algum modo, trucidada pelo traductor Rocha.

Folgamos em ser os primeiros a dar esta noticia.

JUSTINA TOUCHAUX

No ultimo quartel do dia 4 deste mez, evolou-se para a região do não ser a interessante menina Justina Touchaux, que, com sua vivacidade e com a alegria que sempre desabotoava em seus roseos labios a rubra flôr de um sorriso, trazia em perenne jubilo o coração materno e dos que fruiam sua companhia.

Nós que, como todos que a conhecêram, admirámos sua intelligencia que se desenvolvia rapidamente em suas cellulas cerebraes; e que, por mais de uma vez, muito a apreciámos quando sentada ao piano, tocava peças musicaes de difficil execução, depomos hoje sobre seu tumulo um ramilhete de saudades, orvalhadas de lagrimas.

Recebemos ante-hontem, em nosso escriptorio uma visita do Sr. Sabbas Costa, que, por muito tempo, redigio nesta capital um organo litterario, que teve boa aceitação, o *Crepusculo*. O amavel cavalheiro deixou-nos obsequiosamente sobre a meza, o que lhe agradecemos, o seguinte:

HOSANNA

A ALFREDO TOLEDO E NUNO GAMA

Vem de apresentar-se ás columnas jornalisticas a *Polyanthea*, organo dedicado ás letras e artes.

O seu primeiro numero, av do de artigos inspirados, e amplis em folêgo, demonstra muita sinceridade.

Este organo que acaba de ver fulgurar-lhe a luz da publicidade nesta capital, merece toda aceitação; quer dos seus collegas de imprensa, quer do publico.

Dedicada ás artes a *Polyanthea* sabe reflectir um meio recto e facultoso para defendê-la, dedicada ás letras melhor reflecte ella para elevar ao auge da soberania litteraria, o pensamento fecundo e agradavel de seus collaboradores.

Devido a estes dois doptes que o novo opusculo encerra, é que eu humilde apreciador das letras, apresento-me ante os dois illustres jovens que o redigem para saudal-os e demonstrar-lhes o empenho que tomo para a longa quão digna e soberba duração da folha.

SABBAS COSTA

Desterro, 7—3—89.

Imp. natyp. do JORN. DO COMMERCIO